

## LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE

*Paulo Pitaluga* (Historiador, membro do IHGMT,  
autor de inúmeras obras referentes à História de Mato  
Grosso. ppitalug@terra.com.br)

Eu me sinto perfeitamente à vontade e, porque assim não dizer, na obrigação de escrever sobre Luis-Philippe Pereira Leite, já que foi grande e intensa a nossa amizade pessoal, certamente calcada na aproximação quase secular entre nossas famílias. Como ele mesmo dizia, *a minha amizade com o Paulo tem mais de um século, pois o avô dele, seu Jaime Pitaluga, era amigo íntimo de meu pai*. E essa amizade, cultivada por anos de atenção e afeição mútuas, paulatinamente foi sendo transformada em laços quase que filiais, num relacionamento de pai para filho, com certeza. Visitas quotidianas, telefonemas atenciosos, preocupações de toda ordem, o amor pela história e pelo Instituto Histórico, são ainda hoje as tônicas mais visíveis desse relacionamento. O meu primeiro livro foi por ele prefaciado ainda em 1977; eu o sucedi na presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso em 1996; tive a ousadia de prefaciar um de seus trabalhos mais recentes. Quantos trabalhos seus, livros e artigos, já tive o ensejo de ajudar no ordenamento final, acompanhar a revisão, diagramação e a impressão. A sua conversa, as suas histórias, os seus registros sempre me atraíram, não só por contar as coisas da terra cuiabana, mas por interessar-me sobremaneira enquanto vindas de uma pessoa que vivenciou uma boa parte dos fatos e da gente que relatou. E quanta coisa já me transmitiu e que eu já pude aprender. Um grande mestre e amigo que me iniciou pacientemente na história de Mato Grosso e, anos a fio, conscientemente, preparou-me para presidir o Instituto Histórico em sua sucessão.

E os anos de vivência me fizeram admirá-lo, não só como emérito historiador e homem de letras, mas como pessoa humana das mais sensíveis, atenciosas e preocupadas que jamais conheci. Como poucos, soube conservar, por décadas, as amizades de infância, de juventude, de universidade. Preocupava-se com os aniversários de seus antigos amigos, com seus os natais, a saúde dos mesmos. Sempre um telefonema inesperado busca aquele que há muito não tem contato, confortando, parabenizando, consolando, desejando graças.

Homem sábio, homem que expressa em seu viver, no seu dia-a-dia, a sua bondade, a sua espiritualidade e impõe a sua dignidade e respeitabilidade por esse Mato Grosso e Brasil afora. Num primeiro momento, o que se poderia imaginar desse senhor, em seus últimos anos devida, já nos seus oitenta e poucos anos, sentado placidamente numa antiga cadeira de balanço na sala de sua casa. Mal se podia imaginar que ali estava um monumento vivo e pensante. Absorto em suas longínquas divagações, aparentando um afastamento total das coisas materiais que o cercavam, Luis-Philippe apenas pensava. Relembra os fatos, memorava episódios, comparava datas, buscava personagens, construía as suas histórias, arquivava os seus trabalhos. Minúcias eram ali rapidamente trabalhadas por seu cérebro incansável, e inseridas e ordenadas em seus respectivos lugares na história. Não havia solidão, como se poderia interpretar, mas havia sim um intenso trabalho cerebral, captando sensivelmente nomes, fatos e datas do passado, para transformar essa massa heterogênea de produto investigativo e de informes variados, em indelével registro posterior, para que a poeira do tempo não os cobrisse para a eternidade. E um homem desse porte, com essa estrutura moral e intelectual, trabalhou tanto, pesquisou tanto, escreveu tanto, apesar de faltar-lhe por completo o sentido da visão. Assim, veio salvando do esquecimento uma boa parte da história mato-grossense e cuiabana, em particular a mais recente e por ele pessoalmente vivenciada. São 82 os títulos publicados (por mim encontrados), seja em livros ou em artigos inseridos em revistas especializadas. Além de dezenas de artigos publicados em jornais cuiabanos.

Bem merece o seu lugar destacado no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso como seu Presidente de Honra Perpétuo, na Academia Mato-Grossense de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e num sem número de entidades culturais deste país, que somente se sentem honradas com a sua convivência e participação.

Luis-Philippe foi a memória cuiabana viva e presente.

Por mãos do venerável Dom Francisco de Aquino Corrêa, em 1946 foi chamado para a Academia Mato-Grossense de Letras, entidade cultural das mais prestigiadas em Mato Grosso. Tornou-se acadêmico imortal ocupando a cadeira de Corsino Peixoto do Amarante. Era o intelectual que começava a dar os seus primeiros passos na seara cultural, confirmando a sua veia inata de literato e estudioso. O homem intelectual se lançava ao alto, iniciava a sua ascensão no mundo literário.

Por outro lado, vemos um homem sempre preocupado com as coisas espirituais. Um intelectual católico, temente a Deus, religioso, interlocutor de primeira grandeza com o clero mato-grossense.

Não um carola, não um beato, como ele próprio fazia questão de se reconhecer. Longe disso. Mas um homem com sólidas ideias e convicções, com postura religiosa de primeira grandeza. Fazia as suas orações, pedindo principalmente pela saúde de seus parentes e amigos, orando por esta humanidade tão sofrida, rezando por esta sua Cuiabá. Ora nos momentos precisos, pede a Deus nas horas certas.

E o interessante dessa faceta, seguiu o seu trilho de religiosidade *esponte propria*, já adulto, quando estudante de Direito no Rio de Janeiro. Não foi impelido pela formação religiosa de família, pelo beatismo de tias velhas. Tanto que, homem feito, no Rio de Janeiro, veio a fazer a sua primeira comunhão e a se crismar, tendo Dom Aquino como seu padrinho. Apenas uma conversa com Dom Aquino. Sem qualquer estudo prévio de catecismo. Somente a sua vontade manifesta, e entendida pelo prelado cuiabano, de se tornar católico praticante.

Procurou aproximar-se dos jesuítas do Colégio Santo Inácio, recomendado pelo próprio Dom Francisco de Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá. Teve contato com os mais eminentes religiosos dessa ordem no Rio. No Centro Dom Vital, penetrou pelo mundo da filosofia religiosa e em seus contatos com filósofos católicos, como Tristão de Ataíde, que o enveredou pelo mundo austero de Jacques Maritain <sup>16</sup>, conseguiu aprimorar a sua cultura, voltando-se para as doutrinas e dogmas da religião e do catolicismo. E esse estudo doutrinário pautou para sempre a sua vida dentro dos mais rígidos princípios morais e sempre próximo da Igreja Católica.

Jesuítas e dominicanos ajudaram-no muito, influenciando na sua formação religiosa e espiritual. Tornou-se um católico comedido, o suficiente, o necessário. Um católico respeitoso moldado em sólidas bases filosóficas e religiosas.

De retorno a Cuiabá, grande foi o seu contato com os arcebispos que por essa Arquidiocese passaram: Dom Aquino, que o introduziu na própria Academia Mato-Grossense de Letras; Dom Antonio Campelo de Aragão, Dom Orlando Chaves e Dom Bonifácio Piccinini, com todos tendo amizade e sendo ouvido nos momentos mais delicados.

---

<sup>16</sup> - Um dos livros que mais impressionou o biografado foi *Noite de Agonia em França*, de Jacques Maritain, traduzida para o português por Tristão de Ataíde.

Foram seus amigos os vigários gerais de Cuiabá, os diretores e professores do Colégio Salesiano São Gonçalo, os párocos de diversas igrejas de Cuiabá e do interior mato-grossense, irmãos leigos, dirigentes do patronato Santo Antônio, as freiras da Santa Casa.

Intensa ainda foi a sua amizade muito pessoal com religiosos, como o frei Alexandre Trebaure, o frei Quirino, o padre Pedro Cometti, o frei Salvador Rouquette, o padre Firmo Duarte e ainda o padre Wanir Delfino César, alguns, seus confrades do Instituto Histórico e da Academia Mato-Grossense de Letras. E sobre três deles escreveu interessantes biografias, registrando-os assim, indelevelmente, na historiografia mato-grossense.

Mesmo fora do clero cuiabano conseguiu granjear grandes amizades, como a do Cardeal Primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves, padre Viotti, padre Coelho de Souza, ex- Reitor do Colégio São Luís em São Paulo, e outros da mesma envergadura. Aproximava-se sempre dos bons, dos cultos, dos religiosos dos estudiosos. Neles, o seu paradigma, neles, o exemplo de ser humano digno e consciente.

No clero de seu estado natal praticamente formou sólida amizade e em sua obra vê-se claramente o destaque dado às biografias de religiosos que por aqui passaram e viveram, bem como à ação dos salesianos em Mato Grosso.

Luís-Philippe, o historiador, o homem apegado às coisas espirituais, sempre teve o seu destaque não só no mundo religioso, mas no meio político e social sempre foram reconhecidas também as suas qualidades. As homenagens que se lhe fizeram, através de comendas, diplomas, medalhas, títulos honoríficos são inúmeras e atestam sem dúvida o reconhecimento de autoridades e instituições a sua pessoa.

Sempre as altas autoridades do Estado de Mato Grosso lhe reconheceram méritos, não por ser político carreador de votos, mas justamente pelas suas qualidades intelectuais e morais, de homem digno e probo. Governadores, Senadores, Deputados, Desembargadores, homens de diversos escalões de mando, curvaram-se perante a sua simplicidade de intelectual escoreito.

O homem literato, dotado de grande espiritualidade, qualificou-se moralmente, por décadas, para se apresentar e se colocar no local onde hoje se destaca.

Por certo, está deixando atrás de si, não somente um rastro cultural e intelectual da mais refinada preocupação e verve, mas toda uma herança literária, toda uma brilhante demonstração de amor à terra natal. E o mais importante, deixou, principalmente, um exemplo dignificante de homem e escritor, de moral e brio, de ensinamento e perseverança, de estoicismo e dignidade. Longe de abatê-lo, a falta de visão antes dos quarenta anos de idade, deu-lhe forças para amearhar conhecimentos, deu-lhe a vontade férrea de escrever e deixar um registro importante de suas ideias, suas vivências, suas pesquisas e de suas amizades. Tudo anotado com a sua pena de literato atento ao registro de fatos e biografias.

Homens como Luís-Philippe, poucos apareceram nestes quase três séculos de Cuiabá.